
**RESENHA: AUTESSERRE, SÉVERINE.
PEACELAND: CONFLICT RESOLUTION AND THE
EVERYDAY POLITICS OF INTERNATIONAL
INTERVENTION. CAMBRIDGE: CAMBRIGE
UNIVERSITY PRESS, 2014¹**

**REVIEW: AUTESSERRE, SÉVERINE. PEACELAND: CONFLICT RESOLUTION
AND THE EVERYDAY POLITICS OF INTERNATIONAL INTERVENTION.
CAMBRIDGE: CAMBRIGE UNIVERSITY PRESS, 2014**

DOI: [10.5380/cg.v10i2.80142](https://doi.org/10.5380/cg.v10i2.80142)

Alysson Araldi Boschi ²

Atualmente professora de Ciência Política na Universidade de Columbia, Séverine Autesserre (Paris, 1976) conta com uma trajetória de vida de mais de vinte anos de envolvimento em zonas de conflito internacionais. Dentre suas ocupações passadas, trabalhou na sede da Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque, em missões do programa Médicos Sem Fronteiras, além de ter conduzido pesquisas em diversas zonas de conflito, incluindo Afeganistão, Congo, Colômbia, Kosovo, Nicarágua, Índia e Somália. Por conta de sua experiência em intervenções humanitárias, suas linhas de pesquisa concentram-se em guerras civis e internacionais, *peacebuilding* e *peacekeeping*, política de ajuda humanitária e de desenvolvimento e política africana, com foco especial à República Democrática do Congo, conforme informado pela própria autora, contando com inúmeros artigos publicados sobre esses temas. Ademais, Autesserre recebeu, em 2021, o *International Security Studies Sector Emerging Scholar Award*, promovido pela *International Studies Association*³, devido ao entendimento de que Autesserre revolucionou tanto os estudos de segurança de maneira geral, quanto o estudo e as práticas de *peacebuilding*. Suas pesquisas foram responsáveis, por exemplo, por moldar estratégias de intervenção da Organização das Nações Unidas, de organizações não governamentais e de Ministérios de países estrangeiros.

Autesserre produziu também três livros sobre estudos do setor de segurança. Em *The Trouble with the Congo: Local Violence and the Failure of International Peacebuilding* (2010), a autora aborda por que tentativas de término de guerras civis por intervenções internacionais normalmente falham, focando no caso da República Democrática do Congo e sua fracassada transição de guerra

¹ Esta resenha está licenciada sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), sendo permitido o compartilhamento com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina. Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas. Florianópolis, Brasil. E-mail: araldiboschi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6002-4659>.

³ Ver <https://barnard.edu/news/professor-severine-autesserre-receives-2021-emerging-scholar-award>.

para paz e democracia. Em seu segundo livro – aqui resenhado – intitulado *Peaceland: Conflict Resolution and the Everyday Politics of International Intervention* (2014), Autesserre retrata os ambientes e as relações humanas em cenários de intervenção após ter participado de missões em países como República Democrática do Congo, Burundi, Chipre, Israel, Palestina, Sudão do Sul e Timor-Leste. O livro está dividido em sete capítulos, durante os quais a autora cumpre com seu objetivo de esclarecer por que intervenções de paz dificilmente alcançam seu potencial pleno. Em linhas gerais, a justificativa para tal é que determinadas práticas cotidianas por parte de expatriados⁴ influenciam negativamente os resultados de uma intervenção, e que poucos nativos são incorporados nessas missões de paz. A partir disso, então, Autesserre sugere uma série de medidas que deveriam ser adotadas em uma *Peaceland*⁵ para que intervenções sejam mais eficazes na construção da paz. Essa produção recebeu o *Yale H. Ferguson Award*⁶, no ano de 2015, e o *Best Book of the Year Award* em 2016, ambos promovidos pela *International Studies Association*⁷. Por fim, em seu mais recente livro, *The Frontlines of Peace: An Insider's Guide to Changing the World* (2021), Autesserre explora quais abordagens funcionam e quais não funcionam em sociedades que enfrentam violência em massa, destacando como o empoderamento de locais é essencial na construção da paz durante intervenções humanitárias.

Tratando-se da obra resenhada, em um primeiro momento Autesserre defende que a vida cotidiana em uma zona de conflito com presença de ajuda humanitária precisa se tornar um tópico de estudo e de discussão tanto quanto seu nível macro, visto que inúmeras falhas em missões de paz ocorrem nesse âmbito. Para a autora, para que projetos de *peacebuilding* e similares sejam exitosos, esses precisam incluir todas as partes envolvidas no nível doméstico, tais como intervenções internacionais, *peacebuilders* e elites locais, bem como cidadãos comuns da sociedade, o que, na prática, não acontece. Isso ocorre, pois, organizações internacionais envolvidas em missões de paz normalmente consideram suas expertises mais valiosas que aquelas da população local, e que o conhecimento de intervenções é mais adequado e efetivo que as habilidades de nativos; esses aspectos, logo, impedem a inclusão de agentes domésticos na resolução de um conflito. Por conta disso, uma estrutura de desigualdade em termos de práticas e de legitimidade política é criada entre os dois grupos. Autesserre indica que esta é, em sua opinião, o maior erro em missões humanitárias, visto que os trabalhadores atuantes nesses cenários são geralmente ignorantes quanto à realidade em que estão inseridos e que tentam modificar, dado seu distanciamento da população local.

Ademais, a autora aponta como expatriados apresentam recursos de maneira geral superiores aos de nativos a zonas de conflito, como salários, veículos e moradias, o que cria um

⁴ Interventores estrangeiros trabalhando em zonas de conflito.

⁵ Termo utilizado em referência a zonas de conflito em missões humanitárias compostas por comunidades transnacionais onde expatriados devotam suas vidas profissionais.

⁶ Premiação que reconhece os livros que melhor retratam os estudos internacionais enquanto uma disciplina pluralista.

⁷ Ver <https://www.isanet.org/Programs/Awards/Yale-H-Ferguson/Past-Recipients> e <https://www.isanet.org/Programs/Awards/ISA-Annual-Best-Book/Past-Recipients>.

distanciamento também econômico entre os grupos, dificultando sua conexão. É observado também que organizações internacionais financiadoras de missões de paz por vezes movimentam montantes de dinheiro maiores que orçamentos de províncias inteiras. Como resultado, Autesserre assinala que atores locais tendem a se sentir humilhados e ressentidos por conta deste senso de superioridade advindo de trabalhadores humanitários, percebendo-os, portanto, como arrogantes. Em concomitância, essas populações tentam resistir a esforços internacionais, uma vez que modelos exógenos para solução de conflitos são geralmente mal-adaptados às circunstâncias locais. Tal falta de contato entre intervenientes e população nativa, logo, resulta em relações pouco saudáveis entre esses indivíduos. Essa falta de comunicação faz com que expatriados e locais cooperem e confiem pouco uns nos outros, o que afeta, por exemplo, a previsão de conflitos futuros nessas regiões. Desta forma, Autesserre afirma que um maior contato entre trabalhadores humanitários e população local é fundamental para fortalecer a efetividade de missões de paz.

Para além das esferas de diferenças entre intervenientes e nativos, Autesserre menciona dois outros aspectos problemáticos em uma *Peaceland*. Primeiramente, a prospecção de dados em missões de paz pode ser ineficiente e tendenciosa. Expatriados normalmente alinham-se a narrativas dominantes, por conseguinte estereotipadas acerca das regiões onde estão inseridos, carecendo também de conhecimentos da língua e da realidade locais, o que dificulta o entendimento pleno do ambiente onde atuam. Ainda, dadas suas imersões em um cenário mais privilegiado em relação aos nativos, como mencionado, trabalhadores humanitários tendem a coletar informações em centros urbanos em detrimento de áreas rurais, o que produz uma coleta de informações direcionada apenas à vida urbana de zonas de conflito. Enquanto segundo ponto, Autesserre evidencia como intervenientes precisam cumprir uma série de rotinas diárias para que sejam financiados, mesmo que essas rotinas produzam problemas não intencionais. Contratar seguranças, utilizar códigos para nomes de indivíduos e de organizações quando falando ao rádio, nunca andar nos arredores de zonas residenciais após o entardecer, respeitar toques de recolher mesmo quando autoridades locais não impõem nenhuma restrição, escrever planos de segurança e de evacuação, e publicar suas ações e documentar incessantemente seus esforços são algumas das rotinas obrigatórias que apenas reforçam a bolha em que expatriados vivem. Isso faz com que a coleta de informações confiáveis e a quebra da barreira entre nativos e intervenientes se torne ainda mais difícil.

Por fim, Autesserre aponta na conclusão de sua obra uma série de recomendações que deveriam ser levadas a cabo com o intuito de fomentar um melhor ambiente em uma *Peaceland* e, consequentemente, aumentar a efetividade de intervenções internacionais. Dentre suas sugestões, a autora destaca a (1) importância de uma maior conscientização sobre as falhas envolvidas nesses cenários; (2) como organizações deveriam contratar mais habitantes locais para ocupar altos postos nessas missões, o que acabaria por mitigar o distanciamento socioeconômico entre os dois grupos e diminuir custos às organizações. Isso também aumentaria o compartilhamento de conhecimento, tendo em vista que nativos são mais conscientes sobre os conflitos que ocorrem em seus países; e (3)

como expatriados deveriam ter acesso a cursos sobre história, cultura e idioma locais, com o intuito de expandir suas percepções acerca da realidade em que atuam.

Ao longo da leitura, é possível conectar o que Autesserre apresenta em sua obra com o texto de Teju Cole (2012), *The White-Savior Industrial Complex*. Expatriados⁸ tendem a se considerar salvadores de indivíduos em zonas de conflito, seja pela pressuposição de que locais são incapazes de resolver seus próprios problemas, seja por considerarem seus conhecimentos mais refinados e adequados à resolução de conflitos alheios, mesmo não se dando conta que suas ações produzem inúmeros efeitos contraproducentes naquelas sociedades. Este complexo de salvador branco, segundo Cole, nada mais é que um duradouro reflexo de sociedades ainda ancoradas no colonialismo, baseadas na superioridade de princípios ocidentais em detrimento de práticas da periferia global, as quais devem ser adotadas para a solução de controvérsias ignorando abordagens de outros atores e realidades. Conforme Kemp (2004) sustenta, diferentes sociedades desenvolvem diferentes “tecnologias para a paz”, o que as tornam mais pacíficas ao longo do tempo. Posto isso, é de suma importância que não só expatriados, como qualquer indivíduo que queira se aprofundar em técnicas de resolução de conflitos, estude e insira práticas de outros povos em suas rotinas.

A pesquisa de Autesserre apresentada em *Peaceland*, dessa maneira, é muito importante para o entendimento do universo das resoluções de conflitos. Inicialmente, a autora descreve com um alto nível de precisão como é o ambiente de uma missão humanitária e, mais que isso, expõe falhas pontuais nesses cenários. A identificação de falhas nessas operações é a parte mais notável de sua obra, visto que a autora consegue elencar dezenas de problemas que não seriam perceptíveis a todos os indivíduos. Ler seu trabalho em *Peaceland*, portanto, significa abandonar muitas das narrativas dominantes acerca do assunto, induzindo o(a) leitor(a) a refletir sobre como intervenções humanitárias também podem ser, em certa medida, atividades imperialistas. Por outro lado, dado que parte do argumento central de Autesserre consiste em ressaltar como habitantes locais deveriam ser incorporados em intervenções, a autora poderia ter explorado o conceito de *spoilers*⁹ em seu livro, conforme pesquisadores como Stephen John Stedman, Paul Jackson, Gearoid Millar, Jaïr van der Lijn, Willemijn Verkoren, Charles Call e William Stanley o fazem. Da mesma forma, pouco se fala sobre como a inclusão de nativos poderia gerar problemas de legitimidade na resolução de um conflito, já que esses indivíduos podem ser parciais quanto às partes em guerra.

Em suma, o trabalho de Autesserre é extremamente relevante enquanto fonte de conhecimento sobre resolução de conflitos. Sua obra é bastante única ao que se propõe, dado o surpreendente detalhamento apresentado ao longo do texto, tanto em termos de vivências cotidianas narradas e falhas em intervenções, quanto de dados apresentados para sustentar suas análises, tornando-se muito valiosa para uma melhor compreensão de missões humanitárias em escala internacional. A todos que se interessam sobre essa temática, principalmente acerca de relações

⁸ Em sua maioria homens advindos de países desenvolvidos, conforme Autesserre indica.

⁹ Agentes domésticos que de maneira proposital atuam contrariamente à resolução de um conflito.

humanas entre diferentes povos em cenários conflituosos, *Peaceland: Conflict Resolution and the Everyday Politics of International Intervention* é certamente bibliografia indispensável.

*Resenha recebida em 21 de março de 2021,
aprovada em 13 de julho de 2021.

REFERÊNCIAS

- AUTESSERRE, Séverine. **Peaceland**: Conflict Resolution and the Everyday Politics of International Intervention. Cambridge: Cambridge University Press, 2014
- COLE, Teju. The White-Savior Industrial Complex. **The Atlantic**, Boston, 2012.
- KEMP, Graham. The Concept of Peaceful Societies. In: KEMP, Graham; FRY, Douglas P. (ed.). **Keeping the Peace**: Conflict Resolution and Peaceful Societies Around the World. Nova York: Routledge, 2004.